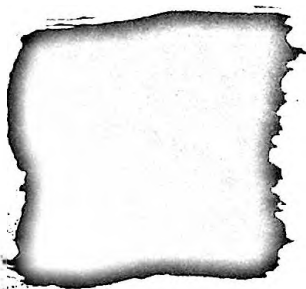


SÉRIE

DISCUTINDO O BRASIL E O MUNDO



**A REBELDIA
TORNOU-SE DE DIREITA?**

Pablo Stefanoni

SUMÁRIO

Introdução – Rebeldias de direita	11
Tudo que é sólido... ..	14
Sem garantias	19
1. O fantasma de qual direita percorre o mundo?	27
Extremas direitas 2.0?	31
O espectro da direita alternativa	38
Utopias neorreacionárias	42
2. O politicamente incorreto ou o jogo dos espelhos loucos	51
Contra o “marxismo cultural”	54
“Te peguei”	57
A contrarrevolução digital	61
A <i>red pill</i>	65
Quatro anos com um Coringa na Casa Branca?	69
3. O que querem os libertários e por que eles se aproximaram da extrema direita?	77
Para além dos “neoliberais de sempre”	79
Contra a “arrogância fatal”	81
Libertários e anarcocapitalistas	86
A síntese paleolibertária: ir para o povo	92
São os homens brancos, estúpido!	96
4. O discreto charme do homonacionalismo	105
Ansiedades civilizatórias	107
Modulações da “grande substituição”	111

Gays e fascistas? Por que não?	113
Diversidade <i>versus</i> diversidade	121
5. <i>Heil Pachamama</i> : nave Terra ou bote salva-vidas?	125
Solo, sangue e ecologia	129
"Salvar árvores, não refugiados"	136
Um novo cenário	141
Epílogo - E então?	147
Glossário essencial para entender as novas direitas	157
<i>4chan</i>	157
<i>Alt-right</i> [direita alternativa]	157
<i>Cuckservative</i>	158
<i>Doxing/Doxxing</i>	158
Ecofascismo	158
Grande substituição	158
Homonacionalismo	158
Ideologia de gênero	159
<i>Incel</i>	159
Libertarismo	159
<i>LOLcat</i>	160
<i>MAGA</i>	160
Marxismo cultural	160
<i>MGTOW</i>	160
Neorreação (NRx)	160
<i>Normie</i>	161
Paleolibertarismo	161
Pepe, o sapo	161
Politicamente correto	161
<i>SJW</i>	162
<i>Redneck</i> [caipira; literalmente, pescoço vermelho]	162
<i>Red pill</i> [pílula vermelha]	162
<i>White trash</i> [lixo branco]	162
Bibliografia	163

INTRODUÇÃO

Rebeldias de direita

É a história de um pobre-diabo, alguém que poderia cair na horrível expressão *white trash* [lixo branco] que os norte-americanos encontraram para definir os brancos pobres, socialmente insignificantes e com frequência politicamente reacionários. Arthur Fleck é um palhaço de segunda categoria que tem uma doença que o leva a rir de maneira descontrolada, em diversos tons, como se estivesse sempre zombando dos seus interlocutores. Paradoxalmente, sua tentativa como comediante de fazer os outros rirem é um fracasso; os outros não riem de seu riso. A exclusão social, o *bullying*, a marginalização e uma sucessão de acontecimentos o conduzem pelo caminho da loucura e, por fim, do crime. Em *Coringa*, filme de Todd Phillips, o Palhaço já não é o arqui-inimigo de Batman, mas o líder inesperado em uma rebelião dos marginalizados de Gotham City contra os ricos e poderosos; uma rebelião que não se sabe se ocorreu na realidade ou foi forjada apenas na mente sombria do Palhaço. Contudo esse filme, que foi uma das revelações de 2019, com mais de um bilhão de dólares de arrecadação, não só apresenta uma linha de tensão entre o real e o imaginário, como ainda propicia, em sentido amplo, duas leituras polares: Trata-se de uma crítica progressista ao capitalismo e suas iniquidades ou seria uma reação típica dos homens brancos pobres revoltados que terminam apoiando a extrema direita e por isso sua mensagem deveria ser rejeitada?

Na esquerda, muitos leram o filme como uma crítica contra os multimilionários e as políticas de austeridade.¹ O cineasta e escritor Michael Moore disse que “o maior perigo para a sociedade pode ser o de que você *não vá vê-lo*”, referindo-se às críticas liberal-progressistas de que o filme era um tipo de apologia da violência. “A história que conta e os problemas que discute são tão profundos,

tão necessários, que se você desviar o olhar do engenho dessa obra de arte pode perder o presente do espelho que ela nos oferece. Sim, nesse espelho há um palhaço perturbado, entretanto, ele não está sozinho, nós estamos ali, ao lado dele". Em um diálogo crítico com Moore, o cinéfilo Slavoj Žižek² sustentou que "a elegância de *Coringa* reside em como a passagem de um impulso autodestrutivo a um 'novo desejo' de um projeto político emancipador está ausente do argumento do filme: nós, os espectadores, somos convidados a preencher essa ausência".

Em ambas as leituras está implícito um "nós" que questiona o sistema "pela esquerda". Porém, a propósito do filme, há outro "nós" possível: aquele que procuram construir e mobilizar as chamadas direitas alternativas, constelações de fronteiras difusas, mas que se propõem a capturar o inconformismo social em prol de distintas saídas políticas antiprogressistas. Assim, Joseph Watson, que participa nas redes de ambientes da *alt-right*, descreveu o filme como "um dos momentos culturais mais autênticos dos últimos dez anos", porque "todas as pessoas esperáveis o odeiam: *The Guardian*, *Slate*, *Wall Street Journal*". "Por que o *establishment* tinha tanto medo desse filme?". Entre outras coisas, respondeu, "porque a forma como nos lavaram o cérebro para viver e consumir cria condições favoráveis para a solidão, o desespero e a doença mental. Porque nos ensinaram que aqueles que pensam diferente são um perigo para a sociedade e devem ser condenados ao ostracismo, intimidados e censurados".³

Nessa perspectiva, o "nós" são os homens (brancos) revoltados, os jovens *incel* (celibatários involuntários, em seu acrônimo em inglês) ou os "machos beta". O FBI inclinou-se por essa leitura niilista. Em sua estreia, preparou-se não para um levante revolucionário, mas para alguma ação violenta, para algo similar ao massacre que, em 2012, na estreia de *Batman: O cavaleiro das trevas ressurge*, acabou em 12 mortos e mais de 50 feridos num cinema do Colorado.

Não nos interessa aqui discutir qual é a leitura "correta" do filme, e menos ainda cair no clichê de que os extremos se encontram. Contudo, o exemplo é ótimo para nos aproximar da ideia central deste livro: há argumentos tanto para uma quanto para a outra interpretação. Se toda obra de arte é aberta e polissêmica, *Coringa* é a expressão da dificuldade radical que enfrentamos hoje para dar conta da orientação política e cultural da rebeldia.

Nas últimas décadas, ao se tornar defensiva e escudar-se na normatividade do politicamente correto, a esquerda, sobretudo em sua versão "progressista", foi ficando deslocada, em grande medida, da imagem histórica da rebeldia, da

desobediência e da transgressão que expressava. Parte do terreno perdido em sua capacidade de capitalizar a indignação social foi conquistado pela direita, que tem se mostrado cada vez mais eficaz para questionar o “sistema” (para além, como veremos, do que isso signifique). Em outras palavras, estamos diante de direitas que disputam com a esquerda a capacidade de indignar-se perante a realidade e de propor vias para transformá-la.

A rigor, não é um fenômeno totalmente novo. O clima era semelhante nas décadas de 1920 e 1930, quando o mundo enfrentava a “decadência do Ocidente” e, sobretudo, a crise da democracia liberal. O historiador Zeev Sternhell interpretou o fascismo não como uma simples e pura contrarrevolução, mas sim como uma espécie de revolução alternativa à que era promovida pelo marxismo.⁴ Não estava em jogo então uma batalha entre o futuro e o passado, embora o fascismo mobilizasse imagens do passado em um tom retroutópico; tratava-se de uma disputa pela capacidade de construir futuros possíveis e desejáveis.

Depois da Segunda Guerra Mundial, ao menos no mundo ocidental, a democracia liberal ocupou o centro da cena e foi se expandindo como o único sistema aceitável, e isso se aprofundou com a queda do Muro de Berlim em 1989 e o famoso “fim da história”, tese do livro tão citado quanto pouco lido de Francis Fukuyama. Estamos voltando a uma situação em que a democracia liberal é “tironeada” pela esquerda e pela direita? Apenas muito parcialmente: na verdade, as esquerdas “antissistêmicas” abraçaram a democracia representativa e o Estado de bem-estar, ou então se transformaram em grupos pequenos e sem repercussão efetiva; enquanto isso, são as denominadas “direitas alternativas” que vêm dando uma cartada radical, propondo “virar o jogo” com discursos contra as elites, o establishment político e o sistema.

E enquanto escrevíamos sobre todas essas coisas, chegou o coronavírus, um “cisne-negro” que alimentou vários tipos de teorias da conspiração ao redor do mundo e deu lugar a diversos protestos contra os confinamentos e as medidas de isolamento social, e inclusive contra as vacinas.

Benjamin Teitelbaum, especialista norte-americano na direita radical, escreveu há dois anos na revista de esquerda *The Nation* que “a covid-19 é a crise que os ‘tradicionalistas’ radicais estavam esperando”, citando as palavras do ideólogo fascista russo (e protegido de Putin) Alexander Dugin, para quem a pandemia “é uma reprimenda divina contra a humanidade [...], uma espécie de castigo à globalização”. E agregava:

Dizem-nos que o liberalismo ganhou as batalhas do século XX. A democracia, o individualismo, a livre circulação de pessoas, bens e dinheiro pareciam a melhor forma de sustentar a segurança, a estabilidade e a riqueza. Porém, o que acontece com o mundo em que entramos, um mundo em que a produção doméstica e o isolamento social são virtudes? Que ideologia está preparada para beneficiar-se disso?⁵

É cedo para saber. Até certo ponto de maneira paradoxal, as extremas direitas posicionaram-se em um certo “libertarismo” antiestatal, e até mesmo foram às ruas com a bandeira da “liberdade”. A presidente da comunidade de Madrid, Isabel Díaz Ayuso, da ala direita do Partido Popular, foi reeleita, em meio à pandemia, hasteando a bandeira da liberdade – “comunismo ou liberdade” foi um de seus *slogans*. E as extremas direitas faziam parte de diferentes configurações gelatinosas que vão desde libertários até antivacinas, passando por diferentes formas de conspiranoia (embora também possa haver críticas sensatas às ações do Estado que nem sempre são coerentes ou bem pensadas). O presidente brasileiro Jair Bolsonaro fez parte dessas formas de negacionismo da pandemia e das diversas provocações que as acompanharam.

Onde, então, está a rebeldia hoje? É verdade que existem movimentos sociais progressistas – ambientalistas, feministas, antirracistas – que promovem visões mais ou menos prefigurativas do futuro, com uma potência, um dinamismo e um impacto dos quais é difícil duvidar atualmente. Contudo, sem negar o impacto transformador de tais movimentos, não deixa de ser correta, em parte, a provocação de Žižek de que “todos somos fukuyamistas”.⁶ O britânico Mark Fisher expôs a questão de maneira ainda mais radical em seu livro de ensaios *Realismo capitalista*. Nele escreveu que o problema atual das esquerdas não reside apenas em sua dificuldade para levar adiante projetos transformadores, mas inclusive em sua incapacidade para imaginá-los.⁷

Um autor mais moderado e mais classicamente social-democrata do que Fisher, o historiador Tony Judt, fez uma observação semelhante: “Estamos intuitivamente familiarizados com os problemas da injustiça, a falta de equidade, a desigualdade e a imoralidade – só esquecemos como falar deles. A social-democracia articulou essas questões no passado, até que também perdeu o rumo”.⁸

* Correspondente ao que seria governadora estadual no Brasil. (N. da T.)

Na década de 1990, “o discurso vazio dos políticos do *baby boom*” e os ecos da “terceira via” acabaram de diluir qualquer épica social-democrata. Com efeito, parte do uso impreciso e descafeinado do termo “progressismo” tem a ver com essas crises das esquerdas reformistas.

Hoje há exceções estimulantes: nos Estados Unidos, Bernie Sanders concorreu em duas campanhas eleitorais com um programa em defesa das classes trabalhadoras e conseguiu mobilizar grandes massas de jovens sob o estandarte do socialismo democrático sem complexos e combativo, num país tradicionalmente hostil ao igualitarismo social; a desigualdade tornou-se *best-seller* na escrita do economista francês Thomas Piketty, e muitos ativistas buscam articular as lutas em defesa do planeta com os combates por justiça social (articular os problemas do “fim de mês” com os do “fim do mundo”). No entanto, se a história “voltou”, foi em maior medida graças aos movimentos terroristas, identitários, de extrema direita etc., cujos projetos o historiador Enzo Traverso considera “sucedâneos de utopias”, do que a uma esquerda que ficou sem imagens de futuro para oferecer, em parte porque o próprio futuro está em crise, exceto quando pensado como distopia.

TUDO QUE É SÓLIDO...

A filósofa espanhola Marina Garcés fala de uma “paralisia da imaginação” que provoca que “todo presente seja experimentado como uma ordem precária e que toda ideia de futuro se conjugue no passado”. Nesse contexto, argumenta, hoje se impõem as “retrotopias, por um lado, e o catastrofismo, por outro”. Por isso, o presente transformou-se em “uma tábua de salvação ao alcance de cada vez menos gente”, e o futuro é percebido cada vez mais “como uma ameaça”.⁹ Já Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, em *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, tinham escrito sobre a enorme distância que existe hoje entre conhecimento científico e impotência política. A capacidade “científica” de imaginar o fim do mundo supera, de longe, a capacidade “política” de imaginar um sistema alternativo.¹⁰

Em uma entrevista, o sociólogo da religião Olivier Roy refere-se a uma verdadeira “mudança antropológica” em curso:

Por um lado, existem diferentes movimentos, que vão do veganismo à *deep ecology* ou “ecologia profunda”,¹¹ passando pela etologia, que questionam a fronteira entre seres humanos e animais na qual se baseou toda a antropologia ocidental; e, pelo outro, existe o desenvolvimento da inteligência artificial.

Por isso se pergunta pelo lugar do ser humano: “E nós, onde estamos? Uma vez que os dois ‘extremos’ se baseiam em formas de determinismo (biológico ou estatístico) que ignoram completamente o sentido e os valores em benefício de uma extensão da normatividade”.¹²

Por sua parte, Garcés afirma que o mundo contemporâneo é “radicalmente anti-ilustrado” e que a educação, o saber e a ciência se fundem também em um desprestígio do qual só podem sair se se mostrarem capazes de oferecer soluções concretas para a sociedade: laborais, técnicas e econômicas (uma resposta à covid-19, por exemplo?). “O solucionismo é o pretexto de um saber que perdeu a atribuição de nos tornar melhores, como pessoas e como sociedade.”¹³

O futuro vem provocando mais angústia do que resistência, e as imagens catastróficas colonizaram as velhas utopias antropocêntricas, com suas ideologias que prometiam progresso, um milênio sociotécnico e uma humanidade a salvo da natureza.¹⁴ Por isso, diz Garcés, “nosso tempo é o tempo do tudo acaba. Vimos acabarem a modernidade, a história, as ideologias e as revoluções”. E ainda

fomos vendo como o progresso acaba: o futuro como tempo da promessa, do desenvolvimento e do crescimento. Agora vemos como acabam os recursos, a água, o petróleo e o ar limpo, e como se extinguem os ecossistemas e sua diversidade. Definitivamente, nosso tempo é aquele em que tudo acaba, inclusive o tempo mesmo.¹⁵

É claro que projetos modernos como o socialismo (e o liberalismo) estavam intrinsecamente associados ao otimismo sobre o futuro e a uma relação forte entre saber e emancipação. Se o futuro se fecha e o saber se dissocia da ação transformadora, a oferta discursiva da esquerda, seja revolucionária ou reformista, perde seu atrativo. O otimismo de antigamente não era necessariamente ingênuo; em geral, era um otimismo condicionado, uma possibilidade, como no famoso lema “socialismo ou barbárie”, de Rosa Luxemburgo: a barbárie era uma alternativa bem real, mas a revolução podia evitá-la, e nessa atividade revolucionária para evitar a barbárie residia o “otimismo da vontade”. Sem

esse horizonte de possibilidade de mudança social, as coisas mudam. Como escreveu o neorreacionário Nick Land, frequentemente a esquerda encontra-se encerrada em uma luta em defesa do capitalismo tal como faz frente àquilo em que o capitalismo ameaça se converter. Para Garcés, estamos diante de um analfabetismo de novo tipo: um analfabetismo ilustrado no qual sabemos tudo e não podemos nada (embora talvez a pandemia relativize um pouco o primeiro).

Vemos isso em experiências políticas muito concretas, nas dificuldades dos partidos situados à esquerda da social-democracia (como Syriza, Podemos) para impulsionar mudanças quando chegam ao poder, inclusive mudanças reformistas no seu sentido mais tradicional. Isso também ocorre com os limites que encontramos nos “socialistas do século XXI” latino-americanos que, mesmo com um forte controle das instituições, sempre se queixavam de não ter “o poder” como forma de justificar seus fracassos e suas ineficiências.¹⁶ Porém, de maneira mais geral, podemos identificar esse problema nas declinantes margens de manobra dos Estados. Ainda que o Estado “volte” e trate de fazer um pouco de “keynesianismo” – na verdade, foi ativado um tipo de ilusão keynesiana em 2020 –, são claros os limites de suas ações perante as dinâmicas da inovação tecnológica e da globalização da economia e das finanças.¹⁷

De modo espelhado, observamos um amplo debate sobre a “morte da democracia” e sobre o fato de que são precisamente partidos populistas de direita os que muitas vezes atraem aos abstencionistas em contextos de fortes quedas na participação eleitoral, sobretudo nos países em que o voto não é obrigatório. Com frequência, a centro-esquerda e a centro-direita terminaram construindo consensos que sufocam o verdadeiro debate sobre as alternativas em jogo.¹⁸ Essa constatação não implica um panorama de conformismo e resignação generalizada, longe disso. Hoje as pessoas estão revoltadas. Nos cinco continentes assistimos a protestos de vários tipos. Ao mesmo tempo, podemos ver uma disputa pela indignação e diferentes derivações do enfrentamento entre “o povo” e as elites. Na França, a emergência dos gilets jaunes [coletes amarelos] gerou polêmicas similares às do Coringa: a ação dessa França profunda, indignada, que demanda reconhecimento social, pode beneficiar diferentes forças políticas e ser instrumentalizada de maneiras muito diversas do ponto de vista ideológico. E isso não está ocorrendo apenas na França. Nos Estados Unidos, Donald Trump podia chamar amigavelmente aos votantes

de Bernie Sanders para que, já com o veterano senador fora da corrida à Casa Branca, votassem nele, para castigar as cúpulas elitistas e corruptas do Partido Democrata. Que fosse bem-sucedido ou não é outra história (as pesquisas mostram que isso não aconteceu). Na Europa, Alternativa para a Alemanha (AfD), um partido de direita xenófobo, pode disputar votos, sobretudo no Leste, com A Esquerda (Die Linke), uma força situada no extremo oposto do arco político..

Essa “confusão sob o céu”, como diria Mao Tsé-Tung, levou o progressismo a se tornar cada vez mais defensor do status quo. Se o futuro parece ameaçador, o mais seguro e sensato talvez seja defender o que há: as instituições que temos, o Estado de bem-estar que pudemos conseguir, a democracia (embora esteja desnaturalizada pelo poder do dinheiro e pela desigualdade) e o multilateralismo. Se “mudança” significa o risco de que sejamos governados por um Trump, uma Marine Le Pen, um Viktor Orbán, um Bolsonaro ou um Boris Johnson, parece uma resposta razoável. Se, quando o povo vota, ganha o Brexit, ou vence o “Não” nos acordos de paz na Colômbia, não será melhor que não haja referendos? Se as mudanças tecnológicas nos “uberizam”, não será melhor defender os atuais sistemas de trabalho e sentir saudade do mundo fabril fordista? E assim poderíamos seguir. Mas justamente nessa razoabilidade reside também o risco de cair no conservadorismo e renunciar a disputar o sentido do mundo que virá.

Em 2020 o historiador e ensaísta argentino Alejandro Galliano publicou um livro cujo título propõe, em forma de pergunta, uma tese forte: *¿Por qué el capitalismo puede soñar y nosotros no?*. Esse nós, outra vez, fazia referência à esquerda num sentido amplo. “O erro – diz – foi o de nós deixarmos de sonhar, dar o futuro de presente a um punhado de milionários dementes por vergonha a soarmos ingênuos ou totalitários”. E acrescenta:

O realismo político e a necessidade de resistir foram encurralando a esquerda e os movimentos populares em formas de mobilização e organização essencialmente defensivas, locais e incapazes de ir mais longe que a mera reprodução das condições de vida já precárias dos grupos mobilizados.¹⁹

Poderíamos parafrasear esse título e nos perguntar: “Por que a direita pode ser audaz e nós não?”. Pode-se descartar rapidamente essa pergunta e dizer que a audácia da extrema direita se baseia, sobretudo, na sua demagogia, na sua

irresponsabilidade, em dizer “qualquer coisa”, sem necessidade de fundamentar suas propostas em dados corretos, e na sua falta de pruridos morais para mentir sem escrúpulos. No fato de que pode jogar a culpa nos migrantes ou inventar teorias da conspiração absurdas. Ao menos isso é o que diria um social-democrata alemão ou norueguês, e não é falso. Porém, também é verdade que o progressismo se acomodou, travando sua luta na “cultura”, em sua zona de conforto moral e em sua adaptação a um capitalismo mais *hipster*, além de se sentir oprimido, muitas vezes, por certo “peso da responsabilidade” que o obriga a dar conta do complexo que é tudo, enquanto perde grande parte de sua mística política. Isso não significa, em absoluto, que as esquerdas não possam seguir ganhando eleições; significa que podem muito pouco quando as ganham.

Talvez seja o momento de prestar mais atenção nas direitas, de analisar algumas de suas transformações e de indagar sobre o “discreto charme” que, em suas diferentes declinações, podem exercer nas novas gerações. Há, em geral, certa pretensão de superioridade moral do progressismo que o coloca em desvantagem no momento de discutir com as direitas emergentes; por uma simples razão: porque a esquerda deixou de ler a direita, enquanto a direita, ao menos a “alternativa”, lê e discute ativamente com a esquerda. Muitos, nas direitas alternativas, insistem em que a rebeldia juvenil está de seu lado. Podemos responder com um meio sorriso desdenhoso, reafirmar-nos em nossa convicção de que a rebeldia sempre será *nossa*, mencionar diferentes rebeliões progressistas ou – e esse é o objetivo deste livro – aceitar a provocação e ir ver em que consiste essa rebeldia, o que querem esses novos rebeldes e por que tem gente que os segue. Dar inclusive um passo mais: levar a sério suas ideias, ainda que nos pareçam moralmente desprezíveis ou ridículas. É verdade que ler racistas, anti-igualitários e misóginos requer certo estoicismo, mas pode dar seus frutos. Muitas dessas direitas se difundem como subculturas *online* e se autorrepresentam como cristãos que vivem, e realizam seu culto, nas cavernas, em virtude do acosso que sofreriam ao expressar suas ideias em um mundo controlado pela “polícia do pensamento” progressista, presente nos meios de comunicação, nas escolas e nas universidades, passando pelas organizações multilaterais e pela maior parte dos governos. Muitos de seus seguidores creem ter tomado a *red pill* (a pílula vermelha de Matrix) que lhes garante seguir sendo livres em meio a uma ditadura do “politicamente correto”, na qual já não se pode dizer nada sem ser prontamente condenado à fogueira. De todo modo,

ler um monte de heroicos resistentes que dizem que “o mundo é de esquerda” não deixa de ser um exercício intelectual e político interessante. É um pouco como ver a Terra do espaço. Ver o planeta *progre* a partir da constelação das direitas insurgentes.

* * *

Este livro é produto de diversas inquietudes pessoais. Situado em termos ideológicos na esquerda, fui me interessando por uma série de transformações no mundo das extremas direitas. Basicamente em como se construiu um antiprogressismo de novo tipo. Uma espécie de Frente Única Antiprogressista, para tomar uma fórmula das esquerdas das primeiras décadas do século XX, que acaba juntando de algum modo, e não sem fortes disputas entre eles, libertários com neorreacionários, ecofascistas com homonacionalistas. Esse interesse se traduziu em leituras, intercâmbios intelectuais e na escrita de artigos no suplemento *Ideas de La Nación*, em *La Vanguardia* e na revista *Nueva Sociedad*. Foi uma viagem de exploração em mundos que são em grande medida “outros”, com seus códigos, suas linguagens, seus juízos de valor, panteões e tradições culturais e de leitura. Com frequência, suas percepções da realidade funcionam como um jogo de espelhos. “Aquele que diz que não é de esquerda nem de direita é porque é de esquerda”, disse-me certa vez um jovem libertário argentino. Na esquerda existe a mesma expressão, mas ao contrário: aquele que não se assume nem de esquerda nem de direita é porque é de direita. Porque (até agora?) ser de direita era vergonhoso, mais ainda entre os jovens.

São, por um lado, temáticas nas quais podemos observar mudanças sociais e culturais, porém, ao mesmo tempo, questões que não miramos nas direitas. No mundo de falantes de espanhol, é comum encontrar nos artigos sobre as direitas, sobretudo nos escritos por autores progressistas, questões relacionadas com o gênero, a xenofobia, o autoritarismo, o anti-igualitarismo etc. No entanto, são mais escassas as abordagens sobre os vínculos entre homossexualidade ou ecologia e extremas direitas, sobre a emergência de um libertarismo reacionário ou, mais amplamente, sobre as mutações da incorreção política. Este livro discorre acerca de algumas dessas transformações e desses tópicos.

Não é, pois, um livro sobre as direitas em seu conjunto. O objetivo, mais do que o de oferecer um mapa das novas direitas, é um convite, mais modesto,

para observarmos juntos alguns fenômenos “marginais” que poderiam estar nos dizendo algo sobre o futuro próximo. Uma espécie de “olhemos ali para ver o que há, para ver se estamos vendo a mesma coisa”. Trata-se, em quase todos os casos, de temáticas que “parecem de esquerda”, de bandeiras que o progressismo tem nas mãos, mas que poderia estar perdendo ou que, ao menos, não tem asseguradas. Tampouco é um livro sobre “grandes pensadores”, embora haja vários, e alguns sofisticados, mas antes sobre ativistas, escritores ou simplesmente participantes em foros de internet ou intelectuais *cult* que têm milhares de seguidores, embora talvez não soem familiares, *a priori*, aos leitores deste livro. A mim tampouco muitos deles não me diziam nada antes de começar a escrevê-lo e ir tratando de reconstruir sensibilidades, de cartografar ideias e de “desconstruir” combos ideológicos, sempre com um objetivo: tentar entender o que querem. Não é um livro para denunciar a direita, e sim para indagar mais em uma faixa do pensamento e da cultura contemporâneos. Estamos atentos, ao mesmo tempo, ao risco de toda pesquisa: superestimar o objeto de estudo. Às vezes falamos de conjunturas mais amplas; outras vezes, de fenômenos de culto, na margem da margem, mas sempre quando consideramos que há ali um sintoma que vale a pena examinar.

A história intelectual, diferentemente da história das ideias, além de dar conta das grandes obras e dos grandes pensadores, põe em foco cartas, panfletos, livros esquecidos, viagens ou conferências, e recupera o papel dos “pequenos intelectuais” que contribuíram para tecer redes de sociabilidade e de sentido num momento dado – propõe-se “desenterrar arquivos antes que se deter em tratados filosóficos”, afirmou o grande historiador Robert Darnton.²⁰ Hoje esses arquivos já não têm o pó nem os fungos das bibliotecas; são virtuais. Foram substituídos em grande parte por livros ou fragmentos de livros armazenados na nuvem, vídeos do YouTube, *posts* mais ou menos efêmeros em plataformas como 4chan ou Twitter, artigos em revistas eletrônicas, memes etc. E, sem dúvida, esses “intelectuais menores” capazes de dar sentido à época multiplicaram-se aos milhares. Mas também se modificaram os atores que cumprem uma “função intelectual” e contribuem na criação de sentido comum. Se no passado professores, sindicalistas ou jornalistas compunham essa categoria, hoje os primeiros perderam protagonismo, os segundos ficaram presos numa dimensão cada vez mais corporativa e os terceiros competem com os ativistas virtuais que lutam incansavelmente pela interpretação do mundo. Parte do que compõe este

livro surge desses entramados virtuais aos quais minha própria busca foi me levando, e que, em muitos casos, não conhecia em absoluto.

Extrema direita, direita alternativa, populismo de direita? Embora haja discussões sobre tais termos na sociologia política, nas ciências políticas e inclusive na mídia, é impossível traçar fronteiras de uma vez e para sempre que contenham adiante as experiências concretas. Especialmente quando o “alternativo” consiste, exatamente, em gerar articulações imprevistas e inovadoras, romper velhas clivagens, desarmar e rearmar pacotes ideológicos preexistentes e dar lugar a novas heterodoxias. Como acontece com as esquerdas, é difícil encontrar termos suficientemente precisos e, ao mesmo tempo, abrangentes para definir identidades, subidentidades, constelações de ideias, rupturas e recomposições, e posicionamentos políticos que são dinâmicos, que escapam a definições rápidas. É necessário ainda evitar dar excessiva coerência às ideias, que muitas vezes podem não ser muito “consistentes”. Por isso apostamos em que as contextualizações explicitem do que estamos falando em cada caso.

No primeiro capítulo buscamos dar conta das transformações no mundo das direitas, do conservadorismo de Reagan e Thatcher às direitas alternativas. Ali reside toda uma mutação que levou pessoas totalmente marginais para o centro da cena, sobretudo após a vitória de Donald Trump em 2016. Os liberal-conservadores tradicionais sentiram que uns loucos haviam tomado seu espaço político, inclusive a cúpula do poder, e até agora não sabem bem como reagir e como reconstruir seu cosmopolitismo neoliberal diante de uma constelação política que faz do etnonacionalismo sua marca de fábrica; mesmo tendo sido derrotado em 2020, o público de Trump parece seguir disponível para ele ou para outra liderança disruptiva. Esse capítulo funciona ainda como uma bússola para seguir avançando no livro.

No segundo capítulo centramo-nos na incorreção política como uma forma de revolta antiprogressista. Sem dúvida, a incorreção política não é “de direita”, mas justamente por esse motivo interessa analisar como é que a esquerda foi ficando no lugar do politicamente correto e a direita se apropriou do campo oposto. Ao mesmo tempo, isso nos leva às subculturas de direita na internet, com seus fóruns “obscuros”, seus discursos radicais e seus personagens excêntricos. Uma pergunta percorre o capítulo: A internet passou de promessa da revolução a pesadelo da contrarrevolução? E há outros interrogantes acerca

do peso da política identitária e do lugar das vítimas no campo progressista, e do da ironia e da provocação no campo das direitas online.

No terceiro capítulo examinamos por que os libertários penderam para a extrema direita e como é possível que uma tradição que faz do Estado mínimo – e até de sua abolição – sua identidade hoje possa se misturar promiscuamente com reacionários e autoritários, e até filofascistas, sempre em nome da “liberdade”. Um trajeto pela figura de Murray Rothbard e sua construção do paleolibertarismo nos dará algumas pistas para compreender melhor um fenômeno que chegou à América Latina. Nomes de referência como os argentinos Agustín Laje e Javier Milei tornaram-se propagandistas, na paisagem local, de uma direita descomplexada, com um estilo renovado e novas formas de aproximação dos espaços juvenis.

No quarto capítulo refletimos sobre os vínculos entre sexualidade e extrema direita. Existe algo assim como um homonacionalismo? Por que nos encontramos com tantas figuras homossexuais na cena da extrema direita europeia? Podemos falar de uma extrema direita gay friendly? No contexto do temor à expansão do islã e de diversas transformações no mundo homossexual, que vão desde a economia até a geopolítica do erotismo, procuramos identificar a forma como algumas extremas direitas buscam atrair o apoio gay-lésbico com um discurso de defesa dos valores ocidentais e utilizá-lo em sua própria luta contra a imigração e o multiculturalismo.

No quinto capítulo discorreremos sobre ecologia e extremas direitas. Sem dúvida, a crise climática alimenta visões solidárias sobre como enfrentar os riscos do aquecimento global (ética da nave Terra), mas também é o combustível para uma ética do bote salva-vidas, que sustenta que tentar salvar todos terminará por não salvar ninguém. Um percurso histórico nos permitirá abordar os espectros do ecofascismo que informam sobre uma parte da extrema direita atual, e que tem diversas declinações: Marine Le Pen pode falar de uma “nova civilização ecológica”, alguns terroristas recentes autodefinir-se “ecofascistas” e um punhado de ecologistas profundos propor diferentes versões de um autoritarismo verde em concorrência com as visões mais emancipatórias da ecologia política.

Por último, no epílogo abordaremos desafios do progressismo e das esquerdas e como alguns de seus representantes estão pensando a crise atual. O que fazer diante desse novo contexto: Discutir com as extremas direitas, ignorá-las, apenas

denunciá-las? Que entidade política *devemos* lhes atribuir? Quais atualizações da esquerda e do progressismo estão surgindo e que debates os atravessam?

* * *

Como sempre, um livro é um produto que transcende a um autor. Neste caso, tenho várias dívidas, que não é o caso de explicitar aqui, com Marc Saint-Upéry, Horacio Tarcus, Alejandro Galliano, Maristella Svampa, Laura Fernández Cordero, Juan Elman, Juan Ruocco, Steven Forti, Sergio Morresi, Mariano Schuster, Fernando Molina, Ricardo Dudda, Gabriel Kessler e Luis Diego Fernández. Com Rodrigo, por acompanhar a escritura deste livro. Com Raquel San Martín, por sua edição paciente deste volume, e com Carlos Díaz e a equipe editorial da Siglo XXI, por seu apoio e seu interesse no que tinha para dizer. E à Editora da Unicamp por esta tradução que apresenta o livro para o público brasileiro. Como é costume esclarecer, nenhum deles é responsável dos erros ou omissões que este livro possa conter.

NOTAS

- ¹ Uetricht, 2019.
- ² Žižek, 2019.
- ³ Watson, 2019.
- ⁴ Sternhell, Sznajder & Asheri, 2006.
- ⁵ Teitelbaum, 2020.
- ⁶ O paradoxo é que o próprio autor deixou de sê-lo e a revista *The New Yorker* publicou um artigo com o título “Fukuyama posterga o fim da história” (Menand, 2018).
- ⁷ Fisher, 2017.
- ⁸ Judt, 2011, p. 217.
- ⁹ Carrero Bosch & Moncloa Allison, 2018.
- ¹⁰ Danowski & Viveiros de Castro, 2019.
- ¹¹ O termo, criado pelo norueguês Arne Næss nos anos 1970, promove formas radicais de biocentrismo.
- ¹² Lemonnier, 2020.
- ¹³ Garcés, 2017, p. 8.
- ¹⁴ O que não impede, evidentemente, que haja muitas resistências. Ao terminar este livro eclodia, por exemplo, uma enorme onda de mobilizações antirracistas e contra a brutalidade policial nos Estados Unidos e na Europa, após o assassinato do afro-americano George Floyd pela polícia. E diferentes ondas feministas percorrem vários países da América Latina, junto com uma incipiente politização juvenil perante as ameaças climáticas.
- ¹⁵ Garcés, 2017, p. 13.
- ¹⁶ Saint-Upéry & Stefanoni, 2018.
- ¹⁷ Dudda, 2020.

¹⁸ Mouffe, 2014.

¹⁹ Galliano, 2020, pp. 10-11.

²⁰ Darnton, 2005.